
Carnaval do Concreto: Experiências Piratas num Rio de Janeiro em movimento¹²

Victor BELART³

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A partir de uma inserção corpográfica pela atividade de blocos piratas e não homologados pela Prefeitura do Rio de Janeiro, este artigo analisa as ocupações dos bairros da Cidade Nova, São Cristóvão e Catumbi por parte dessas manifestações. Ao analisar a performatividade do Technobloco, Meu Glorioso São Cristóvão e Terreirada Cearense, o estudo revela novas práticas comunicacionais e disputas num Rio de Janeiro industrial: distante tanto da praia, quanto do subúrbio ou de seu Centro financeiro. Através do ato prático e simbólico do deslocamento, tais grupos constroem novas imagens e arquiteturas de cidade através da caminhada, do movimento e do percurso.

Palavras-chave

Carnaval; Microeventos; Culturas Urbanas; Corpografia; Festa

Introdução

O Rio de Janeiro induz ao movimento. Seja por sua paisagem curvilínea no relevo, pelo fluxo das ondas de seu litoral ou pela inventividade das construções de seu subúrbio: a cidade se estabelece através do que se desloca. A partir da prática da errância, inspirada pela perspectiva da deriva situacionista encontrada nos estudos de Fernandes e Herschmann (2011), este artigo se aproxima do exercício metodológico de uma corpografia (Jacques, 2008) para compreender o deslocamento dos blocos aqui chamados de piratas ou não oficiais na Cidade Pós-Olímpica. Durante o Ciclo Olímpico, enquanto a cidade produzia faraônicas obras em seu Porto, alguns bairros de zonas ainda centrais permaneceram pouco reformados.

¹ Trabalho apresentado no GP Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autorizo a avaliação e possível seleção deste artigo para o e-book a ser editado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

³ Mestrando do PPGCOM UERJ. Bolsista CNPQ. Integrante do Laboratório de Comunicação, Arte e Cidade. Especialista em Jornalismo Cultural.

No momento em que os megaeventos estimulavam a proliferação de guindastes, canteiros de obras e ecoavam transformações que reiteravam uma ideia de progresso iminente, grupos juvenis passaram a deslocar-se na cidade em busca de novos territórios para organizarem seus ataques musicais e festivos. Partindo dos recentes estudos de Fernandes e Herschmann (2010-atualmente) a respeito das transformações recentes do Carnaval não oficial da cidade, este estudo investiga também o deslocamento dessas manifestações para outras áreas intermediárias da cidade, como o bairro industrial de São Cristóvão. Interessado em mergulhar por regiões ainda Centrais, mas já distantes do Rio de Janeiro da maioria de escritórios empresariais, investigamos a inserção desses grupos em localidades que começam a se aproximar da Zona Norte, configurando espaços carregados de atravessamentos e disputas. Com tradição industrial, tais espaços abrigam manifestações pautadas pela ideia do deslocamento em distintas interpretações e perspectivas. Aproximado de um aspecto mais cinza e fabril, tais festividades deslocam o Carnaval da cidade para uma região de particular ambiência (La Rocca, 2018), que não reverbera nem o Rio da Praia, nem do subúrbio, nem de seus centros comerciais e de poder.

A Cidade do Techno

Na virada da madrugada para o feriado de 7 de setembro de 2017, a Avenida Presidente Vargas começa a amanhecer preparada para o tradicional Desfile Militar da Independência. Em seus palanques e arquibancadas, forças de segurança terminam os ajustes finais antes do clarear do dia. Neste instante, um frenético som oriundo de fanfarras com metais e percussão ecoa em rua próxima, por notas distintas das que costumam ser tocadas por bandas tradicionais do Exército. Quando a música se aproxima, no lugar de soldados, começam a ser avistados centenas de jovens que correm enlouquecidamente. A multidão é embalada pelo som orgânico de uma música *Techno*, que ali é tocada por instrumentos como trompete, trombone ou caixa. É o final do cortejo secreto do *Technobloco*. Em pleno inverno, o grupo invade a Avenida mais larga do Centro da cidade. Anualmente, a Presidente Vargas é ocupada na mesma data por uma estrutura militar ordenada e hierárquica, com o desfile dos oficiais que começaria logo no início da manhã. Poucas horas antes da Parada de Independência, no lugar dos tanques e

estruturas de combate: purpurinas, luzes de led, pouca roupa, fantasias, muitos beijos, gritos e catarse.

Oriundo do efervescente movimento de festas dissensuais que têm ocupado as ruas do Rio de Janeiro na última década (BARROSO; GONÇALVES, 2016) e parte do potente movimento de microeventos que se espalham pela cidade em reuniões festivas e no carnaval (FERNANDES; HERSCHMANN, 2016), o Technobloco propõe uma ruptura no tradicional formato e percurso de cortejos e blocos de carnaval na cidade: correndo. Naquela noite, encerra sua trajetória exatamente onde desfilam os militares e faz sua provocação à seriedade dos rituais cívicos do feriado da Independência. Ao invés de estabelecer-se parado ou caminhando em ritmo lento no estilo procissão, ele sempre circula pela cidade em velocidade frenética, como se os foliões estivessem disputando verdadeiras maratonas de atletismo. Neste ritmo, facilmente, os jovens acabam movimentando-se por distâncias que raramente são percorridas a pé, capazes de circular por mais de 8km numa mesma madrugada.

Fisicamente esgotados ao longo da correria, fazem pausas regulares durante a noite. Por várias vezes deitam no asfalto e descansam temporariamente até que o movimento seja retomado e a corrida volte. O Technobloco é uma das fanfarras ativistas surgidas no Rio de Janeiro que compõe o efervescente movimento dos microeventos de rua. Tais manifestações se desenvolvem na cidade no mesmo contexto de valorização dos megaeventos (FERNANDES; HERSCHMANN, 2016). Entre suas bandeiras: a liberdade corporal livre de estereótipos, a ocupação dos espaços públicos da cidade e as experiências estéticas e afetivas da rua, especialmente destoantes de um certo imaginário de cidade vigente nesta década.

Desde 2007, a partir do início do ciclo dos megaeventos na cidade naquele mesmo ano, muitas disputas passaram a ocorrer no Rio de Janeiro. Com a realização dos Jogos Panamericanos, anúncio da Copa do Mundo e a própria eleição do Cristo Redentor como uma das Maravilhas do Mundo, os cariocas passaram observar, representada na mídia ou no próprio modelo gestão pública da “cidade mercadoria” (FREITAS, 2017), um universo de metrópole estereotipada, forçosamente alegre e muitas vezes comercializada como hospitaleira à recepção de turistas ou vista como balneário.

O surgimento do Technobloco, bem como demais fanfarras de rua nascidas no período, como analisam Fernandes e Herschmann, apresenta-se como ruptura a este modelo de estereótipos corporais ou do próprio corpo da cidade. Em seus percursos, ao

invés desses corpos caminharem em direção à própria praia ou de dialogarem com um Rio de Janeiro em veraneio “estendidos sobre a areia” (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011, P.669), mergulham sobre o concreto. Em suas frenéticas corridas musicais, ocupam o cinzento das ruas e madrugadas do Centro e circulam por bairros nada turísticos como o Estácio, Catumbi e São Cristóvão, tradicionais localidades de uma cidade com perspectiva fabril.

No lugar de curvas, biquínis e corpos padronizados, os participantes da festa assumem esteticamente uma essência desviante que ali corresponde, possivelmente, à própria naturalidade performática da vida de cada participante no cenário urbano. Moças que rechaçam a padronização - dos pelos pelo corpo ao cabelo raspado - alternam espaço com homens e mulheres trans ou corpos dotados de uma estética muito distante da ideia do carioca musculoso e bronzeado de sol. Entre roupas iluminadas e futuristas, há muita gente coberta de tatuagens, cabelos coloridos, entre outras estéticas e marcas corporais que se estabelecem.

Tocando Technomusic em batida frenética, no ritmo de rave e utilizando instrumentos orgânicos comuns muitas vezes a festejos de samba ou até mesmo a cortejos militares, o Technobloco mergulha pelas brechas da cidade em corpos que almejam liberdade, transgressão e têm pressa de vivenciar um futuro em seu próprio presente. A história do surgimento do bloco, neste contexto subversivo simultâneo às representações de um Rio de Janeiro conformado e turístico, se assemelha com a própria história do surgimento da música techno nos Estados Unidos. Di Stasi (2018), ao analisar o surgimento das primeiras festas de Technomusic que apareceram em Detroit nos anos 80, acaba por representar também a própria essência do Technobloco no Rio de Janeiro do final dos anos 2010. Com seus corpos em catarse interessados na ruptura da estética corporal patronizada da Cidade Olímpica, há muito de subversão comum na proposta do technobloco e no que era o propósito inicial da música techno americana com as primeiras duplas de DJs que a idealizou:

Trancados em um apartamento imaginando cenários futuros onde homens e máquinas coabitariam em um mundo distante da realidade cotidiana dessa cidade decadente e alienante, todos os dois inventaram um novo som, um funk eletrônico e mental onde os grooves da música negra se casavam com a fria música eletrônica europeia de solo europeu. (Stasi, 2018, p.427).

Nesta lógica, ao contrário de inserir-se em clubes fechados ou fazer sua produção musical em apartamentos, o Technobloco surge no Rio de Janeiro disposto a flutuar pela cidade de forma aberta, destoante daquela estereotipada por olhares Olímpicos ou postais turísticos. Em associação diaspórica, combinando instrumentos de tradição popular brasileira e da música negra com um ritmo norte-americano e europeu que já era composto por tal hibridismo, o bloco produz uma outra combinação simbólica do Rio de Janeiro com o exterior. Neste bloco, não se toca samba, afoxé, carimbó, maracatu ou tantos ritmos tradicionais da cultura popular que configurou a tradição do Carnaval brasileiro. Apesar da maioria dos instrumentos utilizados na festa serem propícios para tal, o som techno, aproximado dos beats eletrônicos das raves europeias/norteamericana, faz o bloco de carnaval parecer um encontro de música eletrônica na antiga Detroit ou Berlim, mas que vai circulando em formato de banda itinerante pelos pacatos bairros do Catumbi, Cidade Nova ou Bairro de Fátima.

Nas artérias de um bairro imperial/industrial

Num esforço semelhante ao proposto pelo Technobloco neste Rio de Janeiro dos megaeventos, com sua representação corriqueiramente oficiosa e tida como clandestina, a música techno também estabeleceu suas origens na Europa através deste trânsito pirata. Stasi (2018), ao tratar dos primeiros anos da música techno numa Berlim ainda dividida, relembra que o lado oriental era um “verdadeiro laboratório urbano e social” com a “ocupação ilegal de imóveis” (STASI, 2018, p.428.) Com a queda do muro e esvaziamento de determinados bairros em relação à nova configuração da cidade, começaram a surgir “grandes quantidades de atividades no limite da clandestinidade, entre elas os clubes, não demoraram para ali se instalar” (STASI, 2018, p.429).

Este esforço de mergulhar num corpo de cidade representado regularmente como clandestino, marginal e abandonado funciona às margens de acontecimentos de grande apelo midiático representativo, como a realização dos Jogos Olímpicos ou a queda do Muro. Tais conflitos geram socialidades e interações que tornam-se potentes experiências de produção cultural ou político-afetivas na cidade. Corpos físicos e arquitetônicos em comunhão pela cidade num viés potente e agregador.

Após Berlin, o techno seguiu sua conquista inexorável no planeta: o fluxo migratório de ravers dirigindo-se a cada ano para essa cidade transformada ao longo do tempo na capital europeia do gênero favoreceu uma contaminação de culturas musicais para além das fronteiras (Stasi, 2018, p.430).

Desta maneira, a partir da popularização do Technobloco, de sua técnica e seus rituais e coreografias corporais, outras fanfarras interessadas em tocar o ritmo eletrônico e repetir suas técnicas passaram a surgir na cidade, como a fanfarra Technobrass, que inclusive é liderada por alguns músicos estrangeiros. Nesta ordem, outros grupos oriundos do movimento das neofanfarras de rua (HERSCHMANN, 2014) também passaram a incorporar a batida frenética, a própria correria e o corpo saltitante em movimento acelerado em suas performances carnavalescas.

Assim, manifestações que já movimentam milhares de pessoas nas ruas do Carnaval carioca – como os blocos Amigos da Onça e Boto Marinho - acabam recriando-se e fugindo de antigos estereótipos justamente a partir de uma técnica importada. Neste sentido, o technomusic é reconstruído e readaptado ao Carnaval da cidade, que vai vendo o ritmo se espalhando pelas ruas, conquistando novos adeptos e transformando a maneira pelas quais uma multidão de corpos cariocas experienciam a cidade onde vivem.

A vivência da música techno nos remete a diferentes trajetórias urbanas onde música, socialidade e a malha estrutural e fabril das cidades se entrelaçou, o que nos faz refletir no potente processo de socialidade estabelecido pelo technobloco também num Rio de Janeiro fabril. A partir tradição industrial da Detroit esvaziada ou a própria reintegração de Berlim após a reabertura do portão de Brandemburgo, percebemos duas cidades em transformações simbólicas e estruturais que nos remontam ao Rio de Janeiro das obras Olímpicas e deste contexto transformador. É exatamente nessa cidade modificada e, especialmente, em seu momento de distopia e transformação, com o fim dos Jogos e retorno da rotina, que vemos iniciativas como o Technobloco, entre outros grupos, optando por emergir numa cidade distante da praia e interessada em se experimentar de fora para dentro.

Neste sentido, podemos pensar na formação de espaços heterotópicos justamente nos bastidores da cidade. Nessas experiências, eles não se aproximam nem de seu subúrbio, nem da praia, nem do Centro da cidade dos poderosos edifícios. O Carnaval, portanto, vai se debruçar por artérias urbanas em fábricas antigas que nos remetam a um Rio de Janeiro do século passado. A Cidade Olímpica, imponente por novos modelos de

negócio pautados no citybranding (FREITAS, 2017), se aproxima novamente de uma cidade de práticas econômicas mais antigas e ainda vivas nela mesma, como as indústrias. Os bairros das fábricas, tão próximos de regiões modificadas como o Boulevard Olímpico, o remodelado estádio do Maracanã ou a própria praia, vão dar lugar a experiências festivas e políticas que o ressignificam.

Canevacci (2018), ao tratar da experiência de raves ilegais em fábricas abandonadas do início do século, nos remete diretamente a tais experiências no Rio de Janeiro propiciadas por tais cortejos. Os mesmos, portanto, vão se estabelecer num “pedaço de metrópole nascido para funções produtivistas que é lavado, sujado de novo com códigos arranhados” (p.77). Residência da Família Imperial no século XIX e um dos locais escolhidos pelo Technobloco em seus primeiros anos de desfile, o bairro de São Cristóvão⁴ tem tradição industrial. Ainda hoje, casa de fábricas como Ambev (cervejaria), Afghan, FARM ou Armadillo (as últimas do ramo têxtil), o bairro, mesmo em 2019, mantém a tradição de ser um dos fortes polos industriais da cidade, como já foi no passado.

Cinzeno, cruzado por viadutos e conhecido por ser porta de entrada de importantes vias de passagem da cidade - como a Avenida Brasil - a região está bem distante do imaginário de glamour dos tempos de Império. Fica longe da praia, mas também está fisicamente afastada de tradicionais bairros do subúrbio como Madureira ou Méier. Neste sentido, a passagem do Technobloco por ali, carregando muitos jovens oriundos inclusive da Zona Sul da cidade, estabelece novas territorialidades (HAESBAERT, 2016), numa região particular que se transforma em laboratório de novas práticas, experiências e visualidades.

La Rocca (2018), ao trabalhar a perspectiva da cidade como personagem cinematográfico, concebe que a mesma “cria e veicula uma nova estética urbana”(p.90). Se pensarmos na inserção de iniciativas como o Technobloco pelas ruas de São Cristóvão, entre outras que veremos a seguir, podemos perceber uma visualidade muito distante tanto da estabelecida sobre o Rio de Janeiro de suas zonas periféricas, quanto de seu Centro financeiro ou das praias. Deste modo, a inserção dos grupos por tais ruas, nos conduz por viagem aos tradicionais centros industriais do século XX que ainda sobrevivem no XXI,

⁴ A região também abriga o tradicional Centro de Tradições Nordestinas, o Museu de Astronomia e um tradicional Clube de futebol Campeão Carioca na década de 20. Uma passarela ligando a região às proximidades do Estádio do Maracanã fez parte das reformas para o Mundial de 2014.

aproximando o carioca que participa de tais celebrações de uma nova consciência a partir de formas e modos de viver a habitar a cidade em sua própria organização.

É principalmente assim que, de nossa parte, praticamos uma “contemplação da cidade” que, através dessa modalidade de cidade, serve de fundamentação para o nosso pensamento e nos faz tomar consciência de pluralidade e complexidade características do mundo urbano. (LA ROCCA, 2018, P.91)

Construindo seus percursos a partir dessa experiência, no cortejo fora de temporada que fez, o Technobloco partiu da moderna Zona Portuária da Cidade. Em seguida, circulou pelo Centro Histórico e Colonial do Rio e terminou justamente no bairro em questão. Após desfilar clandestinamente por São Cristóvão, em suas artérias que combinam indústrias e residências antigas, o grupo invadiu no começo da manhã Quinta da Boa Vista, encerrando a atividade com um abraço ao Museu Nacional em ruínas.



(Technobloco no Museu Nacional dias após o incêndio. Foto: Victor Belart)

Tal movimento nos remonta à ideia de La Rocca acerca de uma inspiração cinematográfica de cidade. Nesta ordem, passamos a perceber uma disputa simbólica em torno do bairro em questão a partir de suas imagens. Além das produzidas pelos próprios grupos que se ocupam de tais espaços de forma alternativa, alguns personagens das próprias indústrias, que tradicionalmente já estavam estabelecidas naquele território, passam a interessar-se por novas práticas comunicacionais naqueles próprios espaços, para além de uma perspectiva de produção e indústria como fazem cotidianamente. É

neste momento, que alguns cortejos organizados e estruturados por marcas passam a se estabelecer na região.

Outras experiências e percursos: o bloco da FARM e o Terreirada Cearense

Instalada com uma fábrica na área, a marca de roupas FARM tem antiga relação com a produção cultural dos microeventos no Rio de Janeiro, mas também se aproximou do Bairro Imperial para produzir novas plataformas de comunicação recentemente. Conforme já constatava Fernandes (2013), a marca organizava eventos desde 2010 na Orla da Zona Sul com a temática da rua convidando coletivos independentes, como acontecia no Arpoador. No mesmo bairro, famoso pelo Pôr do Sol, costumava-se apresentar na mesma época o grupo Vulcão Erupçado. Com o passar dos anos, a FARM passa a aproximar-se do território de sua própria fábrica e através de uma parceria com o grupo, origina o bloco “Meu Glorioso São Cristóvão”, que passa a circular, durante alguns anos, por algumas localidades da região.

Tal característica revela um afastamento da imagem de um Rio de Janeiro balneário, muitas vezes desgastada pelo público engajado e ativista presente nestes cortejos, quando boa parte dos jovens, apesar de viver em bairros da Zona Sul, interessa-se por outras versões, imagens e experiências de cidade. A experiência da FARM com seu bloco particular, composto majoritariamente por músicos dos demais grupos do Carnaval não-oficial da cidade, reflete que, nem sempre, tais manifestações surgem espontaneamente apenas por parte de foliões e músicos. Algumas marcas, portanto, também passam a perceber outras territorialidades do Rio de Janeiro como espaços possíveis para produção de suas imagens particulares. São Cristóvão, enquanto abriga o Technobloco em frenéticas corridas, é também palco de imagens e percursos do bloco da FARM, ao lado de sua fábrica, ampliando a perspectiva da área ser também um território plural e de disputa por parte de quem a ocupa de maneira festiva.

Albornoz e Gallego (2011) chamam atenção para a perspectiva de pequenos eventos, em especial festivais, se aproximarem de plataformas de comunicação para grandes marcas. Segundo eles, os responsáveis pelo marketing encontram em tais eventos “espaço ideal para chegar ao seu target juvenil.” (p.97). Desta forma, podemos perceber que a FARM, ao aproximar-se de São Cristóvão, interessa-se também em dialogar com o

público jovem que passa a interessar-se pelo bairro através de cortejos e festividades piratas.

ROCHA (2012), trabalhando a perspectiva da estética e visualidade entre grupos juvenis, chama atenção para a ideia de que “nossos próprios corpos, na ânsia de responder à uma lógica de máquina voraz, se convertessem em fetiches” (p.133). Assim, podemos perceber que rapidamente, ao mesmo tempo em que torna-se cenário de novas formas de habitar e novas produções de visualidades de cidade a partir dos corpos juvenis que a invadem com os blocos, o próprio corpo urbano do bairro industrial de São Cristóvão é, imediatamente, também experienciado pelas máquinas que o habitam.

Ainda assim, é importante reconhecer a multiplicidade de processos ali estabelecidos, numa relação que não vai se esgotar entre binarismos ou propósitos que sejam necessariamente somente poéticos ou somente mercadológicos na região. Da mesma maneira que a poucos quilômetros dali, na Região do Novo Porto da cidade vai estabelecer múltiplas territorialidades e disputas, também a imagem do Rio fabril estabelecido por São Cristóvão, quando experienciado pelas festas, nos remete a distintos modos de enxergar seus sentidos projetados.

O consumo de imagens em contextos de diáspora tem se apresentado como lugar igualmente estratégico para analisarmos os efeitos da fúria produtivista das (curiosamente chamadas) sociedades da comunicação. A questão que agora se coloca é: qual a qualidade de vinculação que engendramos nestas sociedades comunicacionais? Se não escolhermos o que ver, podemos escolher como olhar. (Rocha, 2012. P.140)

O fluxo comunicacional das ocupações festivas da região nos remete, portanto, imediatamente à uma ideia de movimento. Enquanto um mesmo músico ou produtor pode tocar no bloco da FARM como contratado, vai participar, como folião ou até mesmo músico, do Technobloco em suas potentes errâncias clandestinas no mesmo espaço, com o mesmo público e semelhante estética. Tal relação, especialmente pela localidade onde ocorrem, nos remete diretamente a condição de movimento dos corpos que, ininterruptamente, vão trocando de papéis, movimentando as produções e fazendo com que tais manifestações festivas funcionem numa espécie de engrenagem que se movimenta a partir do deslocamento. Tal qual funcionava uma fábrica, voraz pela necessidade de produção a partir da locomoção de suas engrenagens, observamos a performatividade de tais grupos, normalmente erráticos, tocando música ambulante e

dispostos a se movimentar, seja enquanto performam, seja quando mudam os objetivos de ocupação, seja quando evocam o público que os segue no deslocamento.

Careri (2012), aproxima essa ideia do movimento de uma ideia de arquitetura pela noção de percurso, que nos induz ao exercício da caminhada. Segundo ele, o espaço nômade é um “vazio onde percursos unem poços, oásis, lugares sagrados, terrenos” (p.42). Nesta perspectiva, a ideia do deslocamento e da construção de percursos, é exercício fundamental e nela, o caminhar “implica na transformação do lugar e seus significados”. (p.51). As duas manifestações, neste artigo representadas, nos exprimem a ideia do movimento a partir da caminhada. Sejam elas produzidas por uma marca ou por jovens interessados em ocupar espontaneamente a cidade, ambas trazem em sua configuração uma construção de percursos através de um andar físico e errático, com marcas sobre o corpo. Os pés cansados do exercício físico e tático de tais grupos ao caminhar no bairro, são as novas engrenagens que flutuam por uma São Cristóvão em nova configuração.

Há, entretanto, no mesmo bairro, uma terceira e potente manifestação de natureza semelhante, mas fisicamente estática. O bloco mais popular deste circuito na região, o Terreirada Cearense, se estabelece com local certo, horário divulgado e palco fixo dentro da própria Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão. Quando observamos a recente tradição do Carnaval de blocos não oficiais do Rio de Janeiro (BARROSO; GONÇALVES, 2016) podemos perceber uma tradição de cortejos em proximidades físicas, sendo facilmente possível ir de um ao outro andando.

Enquanto é possível, durante um sábado ou domingo de Carnaval, flutuar rapidamente por dezenas de blocos de Carnaval errantes que circulem a cidade em seu Centro, a Terreirada Cearense, estabelecida estaticamente em São Cristóvão, evoca o público no meio de uma tarde à ideia imediata do deslocamento para uma área um pouco mais distante dele. É preciso sair do Centro da cidade, em direção à Zona Norte, ao lado oposto da praia, sem uma banda lhe conduzindo, para ir de encontro ao bloco da Terreirada. Estático em São Cristóvão, ele aguarda a chegada de seu público. Neste sentido, podemos perceber que, ainda que de outra forma, o bloco e o bairro industrial, nos aproximam novamente da ideia de errância e da necessidade de desviar de pré-concebidos e programados percursos na cidade pós-olímpica. Vizinho da Rodoviária, do Porto, do Maracanã e de tantas outras obras milionárias nas recentes transformações da

cidade, o Bairro de São Cristóvão acaba por evocar transformações de movimentos e simbolismos na cidade através, justamente, de sua propensão à construção de percursos.

Considerações finais

A experiência de tais festividades pela região de São Cristóvão, tão próxima às cicatrizes, marcas e transformações da Cidade Olímpica, nos aproxima de um bairro historicamente habituado a ser reinventado em distintos processos de transformação da cidade, o que nos remete à ideia constante do movimento de uma cidade em busca de novas frações, vivências e disputas. Emblemático palco do Império, a tradição industrial da região surgiu a partir da decadência imobiliária da região no período Brasil República, quando a área passou a ser terreno de oficinas e indústrias e não mais de uma cidade de glamour. Ao pensar nas práticas festivas que se estabelecem pelo bairro, podemos compreender imediatamente, a disputa simbólica e prática de uma cidade que se transforma de maneira forçada, em intervenções físicas e marcadas pelo tecido da cidade. O Porto do Rio é modificado, os preços sobem, a juventude vai buscar São Cristóvão e outros bairros vizinhos. Com tais ocupações e as correlações provocadas pelas mesmas, evocando tanto a malha industrial da região, quanto as recentes transformações do Rio de Janeiro Olímpico, podemos perceber o potencial da festa, na perspectiva de Duvignaud (1983) ao pensar que a mesma se sobrepõe ou se correlaciona a qualquer perspectiva programada e produtivista de cidade.

É evidente que o espírito de produção opõe-se ao gozo, e à plenitude existencial. Porém, de todos os seus efeitos, indubitavelmente o mais precioso é aquele que inspira o sentimento de que já é impossível destruir a cultura e o mundo constituído. (Duvignaud, 1983, p. 147)

Deste modo, ao pensar nas ocupações culturais sobre um bairro industrial, pouco percebido pelas transformações da Cidade Olímpica, negligenciado pelo Brasil Império, mas eleito por novas gerações e até mesmo por empresas - no estabelecimento de novos territórios de disputa - remete à potência dos deslocamentos. Podemos pensar, assim, nas novas buscas de uma cidade por seus próprios espaços outros. A cidade se transforma e a população vai procurando novas potências e espaços da cidade para transformar e redescobrir também. Este ritmo errante, incansável e normalmente ilegal de tais festas -

de pouco conhecimento da gestão pública da cidade - nos remete ao antigo movimento dos Piratas, em busca de habitar e encontrar novos tesouros e modos de viver na cidade a partir da maneira com a qual os mesmos se deslocam e vão procurando novas cidades para habitar.

Numa rápida deriva pelo bairro de São Cristóvão, ouvindo histórias dos moradores, escutamos que - antes de ser o bairro industrial ocupado pelo Technobloco, a casa da fábrica da FARM ou residência da Família Imperial - a região recebeu tal nome por batizar uma antiga igreja à beira-mar, na antiga configuração urbana da cidade. Na época, pescadores amarravam seus barcos junto as portas da Igreja de São Cristóvão. A prática tornou a área um ponto de encontro entre aqueles que chegavam à região navegando, o que deu origem à Vila que originou a criação do bairro. Tal movimento, inspirado na ideia do deslocamento, nos remete simbolicamente, a tudo que uma cidade encontra, cria e transforma quando se põe à deriva.

São Cristóvão, em sua arquitetura que mantém vestígios do Brasil Imperial, das Indústrias do Império, das Festas Regionais Contemporâneas no Centro de Tradições Nordestinas ou na passarela do Maracanã. O bairro de múltiplas faces é revisitado por estes grupos em suas errâncias, na qual Careri (2012) vai chamar de percurso para o “entender como o lugar simbólico em que se desenrola a vida em comunidade” (p.42).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBORNOZ, Luís; GALLEGO, Juan., Setor da música...independente? Apontamentos sobre a trama empresarial espanhola. In: HERSCHMANN (org.) **Nas bordas do mainstream musical: novas tendências da música independente no século XXI**. São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora, 2011. P. 87-104.

BARROSO, Flávia; GONÇALVES, Juliana. **Subversão e purpurina**: Um estudo sobre o carnaval de rua não-oficial do Rio de Janeiro. In: ANAIS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas**: Mutações Juvenis nos Corpos das metrópoles. – Rio de Janeiro, Lamparina, 2018.

CARERI, Francesco. **WALKSCAPES: o caminhar como pratica estética.** São Paulo: Editora G.Gili, 2012.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

FERNANDES, Cintia Sanmartin. **Territorialidades Nômades: Comunicação, moda e música no Rio de Janeiro.** Ecopos, v.16, v3, 2013.

FERNANDES, Cintia SanMartin; HERSCHMANN, Micael; **Ativismo musical nas ruas do Rio de Janeiro.** XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, 2014.

FERNANDES C.S.; HERSCHMANN, M. **Relevância da cultura de rua no Rio de Janeiro em um contexto de valorização dos megaeventos.** Curitiba: Compós, 2016.

FREITAS, Ricardo. Da cidade espetáculo à cidade mercadoria. Ecopós. vol. 20. n3. 2017.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

HERSCHMANN, Micael. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro. Logos, v. 2, n. 24, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. P. 129 – 139

LA ROCCA, Fabio. **A cidade em todas suas formas.** Porto Alegre: Sulina, 2018.

ROCHA, Rose de Melo. **Corpos significantes na metrópole discursiva.** In: Significação. São Paulo: Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP, n. 37, 2012.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. **O corpo como imaginário da cidade.** Revista FAMECOS (Online), v. 18, p. 657-673, 2011.

STASI, Michele Di. Technocities: Detroit, Berlim e a diáspora. In: FERNANDES;
HERSCHMANN (org.) **Cidades Musicais**: Comunicação, Territorialidade e política. Rio de
Janeiro: Sulina, 2018. P. 425-434.